



Rosana Rios

O Boi-Bumbá

Ilustrações
Elma

edelbra

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação editorial:

Elaine Maritza da Silveira

Projeto gráfico:

YOYO ateliê gráfico

Adaptação do projeto gráfico:

Victória Piffero

Revisão:

Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R453b

Rios, Rosana, 1955-

O boi-bumbá / Rosana Rios ; coordenação Elaine Maritza da Silveira ; ilustração Elma. - 1.ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2015.

56 p. : il. ; 23 cm. (Quem foi que disse ; 4)

ISBN 978-85-66470-91-8

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Silveira, Elaine Maritza da. II. Elma. III. Título. IV. Série.

15-25040

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2015

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

FSC

RESPEITE O DIREITO AUTORMAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

O Boi-Bumbá



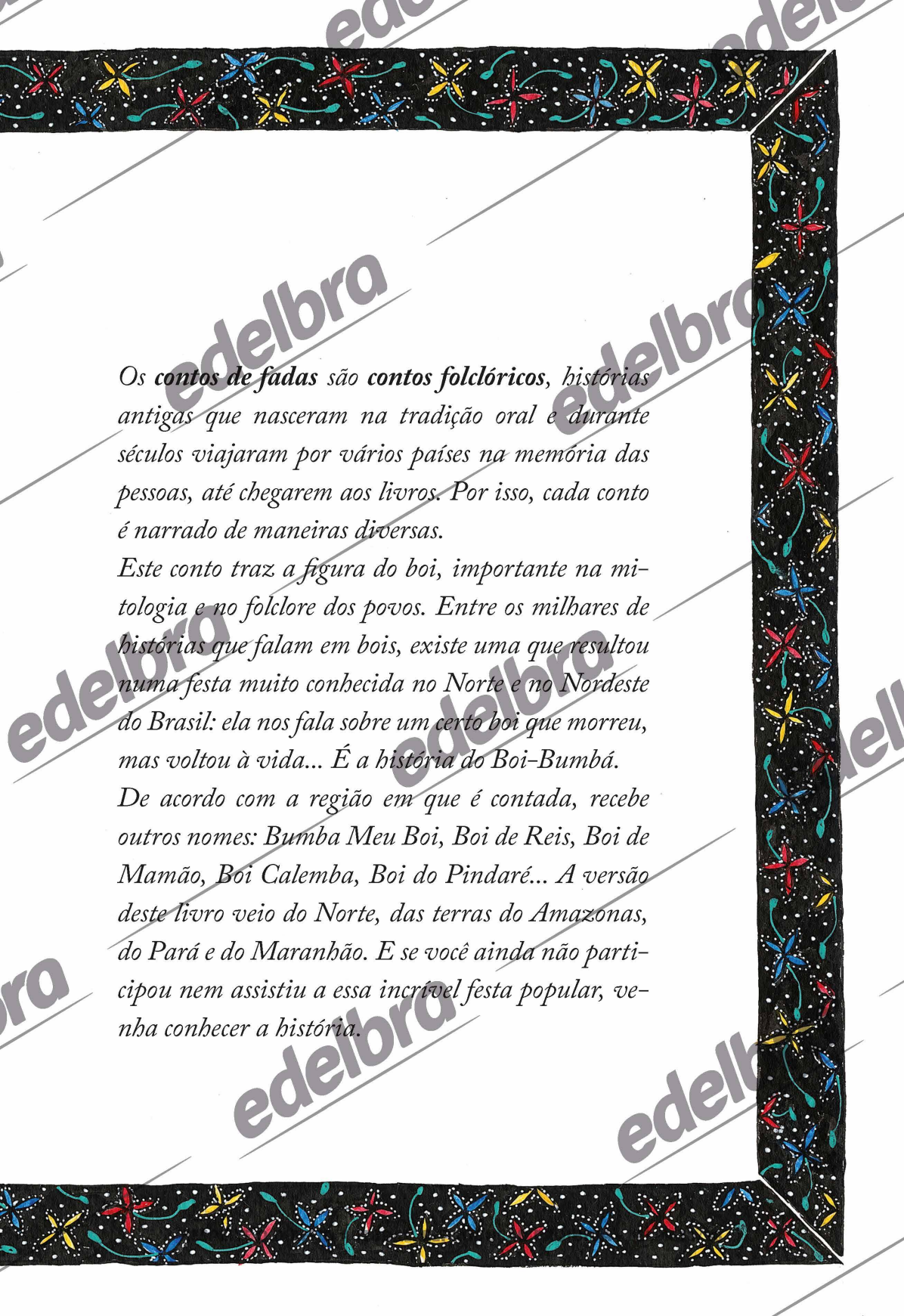
*Conto popular recontado por
Rosana Rios*

*Ilustrações
Elma*

edelbra

RESPEITE O DIREITO AUTURAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98





Os contos de fadas são contos folclóricos, histórias antigas que nasceram na tradição oral e durante séculos viajaram por vários países na memória das pessoas, até chegarem aos livros. Por isso, cada conto é narrado de maneiras diversas.

Este conto traz a figura do boi, importante na mitologia e no folclore dos povos. Entre os milhares de histórias que falam em bois, existe uma que resultou numa festa muito conhecida no Norte e no Nordeste do Brasil: ela nos fala sobre um certo boi que morreu, mas voltou à vida... É a história do Boi-Bumbá.

De acordo com a região em que é contada, recebe outros nomes: Bumba Meu Boi, Boi de Reis, Boi de Mamão, Boi Calemba, Boi do Pindaré... A versão deste livro veio do Norte, das terras do Amazonas, do Pará e do Maranhão. E se você ainda não participou nem assistiu a essa incrível festa popular, venha conhecer a história.





edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

Viviam, numa grande fazenda de gado, um homem e uma mulher que eram casados há muito tempo. Eram conhecidos como Pai Francisco e Mãe Catirina.

Apesar dos nomes que lhes davam, os dois não tinham filhos: moravam sozinhos em seu canto. O marido era um dos trabalhadores da fazenda e já estava ficando velho. A essa altura, estava até conformado com a situação.

Mas não sabia que, um dia, Mãe Catirina viria com uma grande surpresa: ela descobriu que estava esperando um filho. Era muita felicidade para uma mulher da sua idade!

– Vamos ter um bebê, meu velho.

Ele nem podia acreditar.

– Catirina, que maravilha!

Pai Francisco ficou todo satisfeito. Finalmente o casal teria uma criança para cuidar, contar histórias, alegrar sua casa...

Ele saiu por toda a propriedade contando a novidade aos amigos vaqueiros, que trabalhavam cuidando dos enormes rebanhos de bois do patrão. Todas aquelas terras pertenciam ao Senhor Dono da Fazenda, um homem muito rico e importante.

A felicidade era tanta, que o velho trabalhador passou dias rindo sem parar, tocando violão e cantando. E os amigos começaram a cantar com ele.

*Pai Francisco entrou na roda
tocando seu violão...*

O tempo foi passando e todos festejavam a novidade. Mas o que nenhum deles sabia é que aquela criança ia causar problemas até antes de nascer. Pois não é que, sem mais nem menos, Mãe Catirina começou a ter uma vontade enorme de comer coisas diferentes?

E o maior dos desejos era...

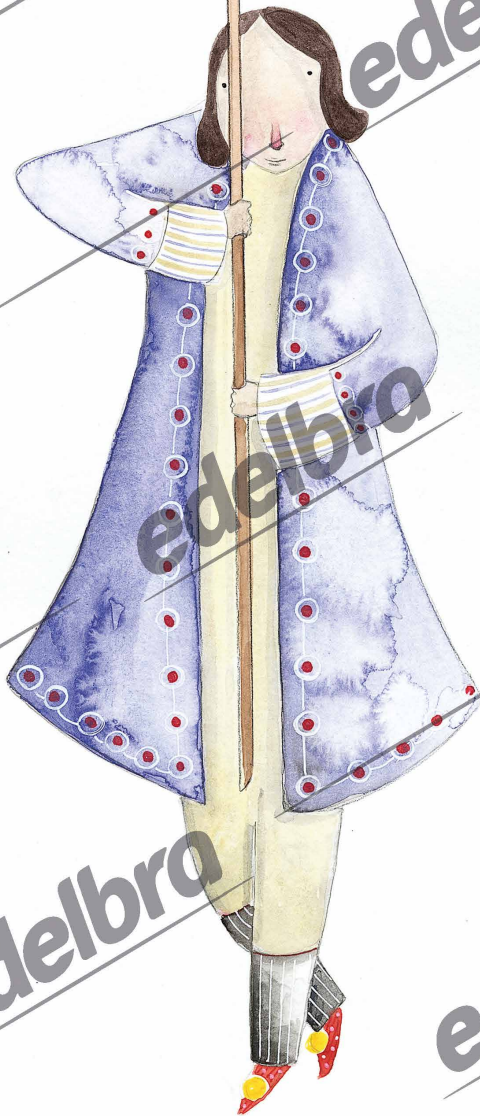
– Marido, estou com uma vontade danada de comer língua de boi – disse ela.

– Língua de boi? – resmungou Pai Francisco.



edelbra

edelbra



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

– Ah, é um desejo enorme... preciso atender. Senão, não sei o que vai acontecer!

Ele se preocupou. Apesar de morarem numa fazenda de gado, não era sempre que se matava o rebanho. Não seria fácil conseguir língua fresca.

Pai Francisco andou para lá e para cá, pediu a um e a outro, e nada de conseguir um pedacinho daquela carne para sua mulher.

Falou até com o patrão, o Senhor Dono da Fazenda.

Qual! Gente rica lá se preocupa com vontade de pobre? O homem até riu dele. Não era época de matar boi. Imagina se ele ia mandar matar um dos seus animais, fora de hora, só por causa de uma vontade de mulher grávida? Nem pensar.

Mãe Catirina ia ficar sem a carne que tanto queria.

– Se não tem jeito... – a mulher suspirou, conformada.

Mas a vontade estava lá, fazer o quê?

Pai Francisco pensou, pensou, pensou. Era teimoso e queria atender o desejo de sua esposa.

No outro dia, sumiu de vista. Nenhum vaqueiro sabia para onde o homem tinha ido.

A verdade é que, bem cedo, ele já estava andando pelos campos, longe da fazenda, tentando laçar um boi desgarrado que, todos diziam, tinha aparecido por ali.

*Mandei fazer um laço
do couro de um jacaré
pra laçar o boi barroso
no meu cavalo pangaré!*

Ele andou muito. Vadeou rio, atravessou pasto, subiu morro, desceu morro. Já estava quase desistindo e voltando para casa, quando ouviu no mato os urros do boi desgarrado.

– É agora! – disse para si mesmo.

*Chegou, chegou,
já chegou meu boi agora.
Se quiser que dance, eu danço
Se não quiser, vou-me embora!*

Cerca que cerca, corre que corre, Pai Francisco seguiu o boi e nem quis saber se ele tinha ou não tinha a marca do patrão. Queria era levar a carne para Mãe Catirina, que estava descansando lá em casa com seu filho na barriga!

Tanto fez que laçou o bicho, que não teve para onde correr. Fugia para um lado, lá estava o homem. Corria para o outro, e o velho chegava antes para pegá-lo.

Caçado por todos os lados, o boi urrou, chutou, chifrou, ameaçou, mas não pôde escapar.

E acabou morrendo, bem morrido.

Muita gente que morava por ali ouviu aquele barulho todo e foi se chegando.

O boi lá no chão, morto. Mortinho.

Quem é que não quer também um pouco de carne, quando se mata um boi? E, como Pai Francisco só precisava da língua, resolveu dividir o resto da carcaça.

Ia dar um tanto para um, um tanto para outro...

E a partilha começou.

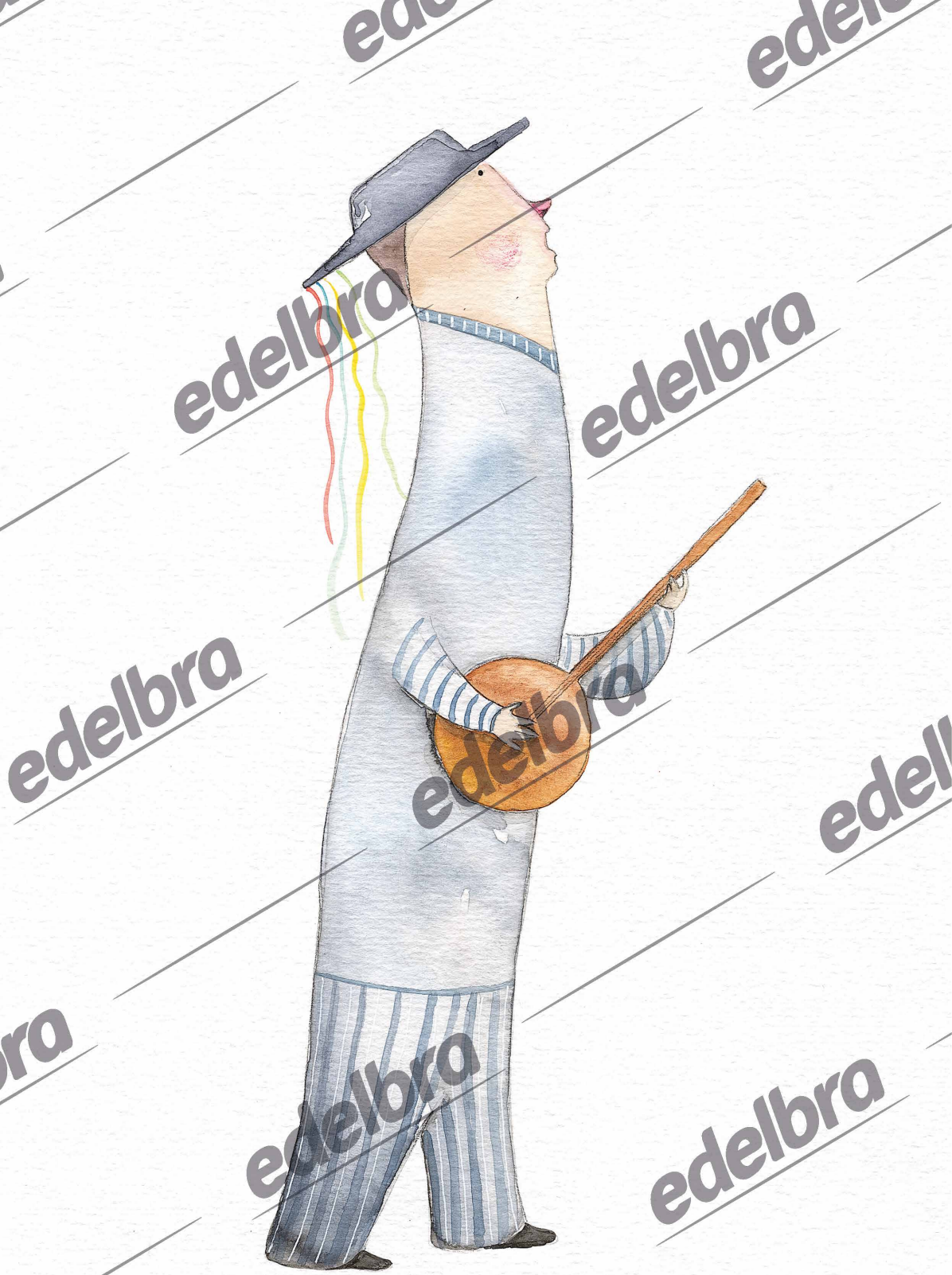
*A língua é pra mãe Catirina,
as costelas vão pro Compadre;
a tripa grossa é do Vaqueiro,
a tripa fina vai pro seu Padre.
O coxão duro é de mãe Maria,
o coxão mole é de pai João;
o couro, mandem pro curtidor.
E os ossos ficam aí pro patrão!*

Mas, justamente quando a partilha do boi estava ficando animada, essa não! O capataz e os vaqueiros do Senhor Dono da Fazenda resolveram aparecer.

Pai Francisco, mais que depressa, pegou a língua do boi e sumiu dali. Quem levou parte da carne também tratou de fugir.

O povo todo fez de conta que não tinha nada a ver com a história e cada um foi voltando para sua casa.

Só ficou o pobre do boi, morto, mortinho, no meio do caminho.



RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

E, enquanto Mãe Catirina matava a vontade de comer carne, lá longe, os vaqueiros foram chamar o patrão.

O Dono da Fazenda veio correndo com sua mulher para ver o que havia acontecido. Apesar de ter rebanhos enormes e muito dinheiro, o Dono não gostava de perder nem uma moedinha, quanto mais um boi inteiro! E os dois choraram a morte do seu boi.

*O meu boi morreu
que será de mim?
mando buscar outro, ó maninha,
lá no Piauí.*

Rosana Rios

Sempre fui fascinada por contos de fadas e contos do folclore. Quando era criança, ouvia minha avó contar as histórias antigas que aprendeu com meu bisavô, que veio de Portugal. Mas as histórias folclóricas ligadas às festas brasileiras, como esta do Boi, só conheci nos livros. Tenho uma grande biblioteca sobre mitos, lendas e contos populares.

Nasci e moro em São Paulo, e uma das minhas paixões é viajar pelo Brasil e colecionar livros e folhetos de cordel que contam tantas dessas histórias que nasceram na boca do povo. Hoje tenho mais de 140 livros publicados, em quase 30 anos de carreira. E pretendo continuar viajando e coletando material de pesquisa para recontar cada vez mais histórias do nosso povo. Para conhecer alguns dos meus livros, é só visitar o blog: <http://rosanariosliterature.blogspot.com.br> ou o site <http://rosanarios.wix.com/rosanarios>



Elma

Assim como a Rosana, as melhores histórias sempre eram contadas por minha avó, que morava numa pequena cidade do interior. Histórias do povo daquela região, histórias do cangaço e principalmente sobre a nossa cultura.

Nasci em Pernambuco , um estado brasileiro onde a cultura popular é intensa nas suas histórias, suas cores e principalmente suas tradições.

Comecei a ilustrar há cerca de 12 anos. Muitas vezes a inspiração vem das minhas raízes, dessa gente encantadora que consegue colorir uma vida difícil. O Nordeste é a minha terra.

Hoje tenho mais de 50 livros ilustrados. Há algum tempo comecei a também escrever e ilustrar as minhas próprias histórias. Já ganhei alguns prêmios e participei de alguns catálogos de ilustradores aqui no Brasil e no exterior.

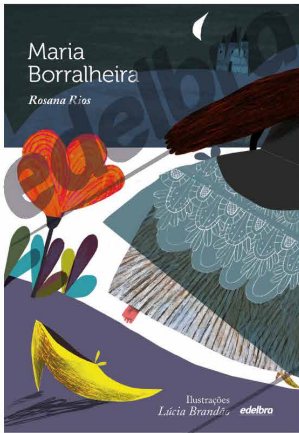
*Coleção
Quem foi
que disse*

*Contos de fadas recontados por
Rosana Rios*

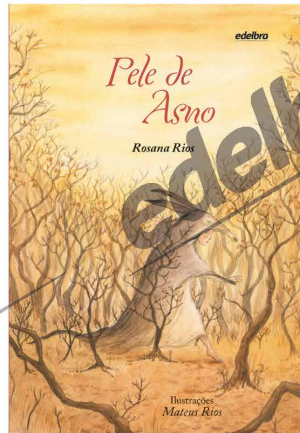
Contos de fadas fazem parte do patrimônio cultural da humanidade, e são muitas as versões que circulam pelo mundo inteiro. Nesta coleção, a autora vai além do reconto e dá voz a alguns personagens.

O que as princesas diriam? Que explicações dariam a madrasta da Borracheira e a sogra da Bela Adormecida para suas maldades?

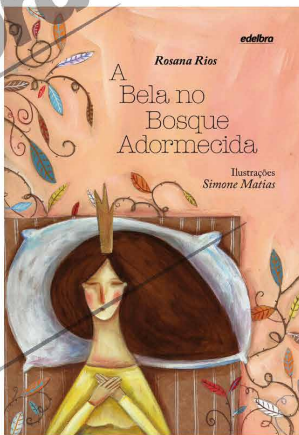
A partir da alteração do foco narrativo, é possível mergulhar na história pelo ponto de vista das personagens, num exercício lúdico que amplia a leitura e instiga a imaginação do leitor.



Maria Borracheira



Pele de Asno



A Bela no Bosque Adormecida



A Menina do Capuz Vermelho

edelbra



edelbra

*Coleção
Quem foi
que disse*

Pobre Boi! O que será que ele pensava, quando fugiu da fazenda? Será que sabia que Mãe Catirina estava grávida e com um baita desejo de comer carne? Desconfiava de que Pai Francisco iria caçá-lo para satisfazer a vontade de sua mulher? E se o Boi morrer, o que vai acontecer?

A mesma história pode ser contada de diferentes pontos de vista. Depende de quem conta o conto...



edelbra

ISBN 978-85-66470-91-8



9 788566 470918